reflexões sobre
ARTE visual
v.7 n.13 julho 2026

Ateliê, Estúdio, Oficina, Laboratório...

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

UFMS

ISSN **2764-1279**

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol7, No 13, julho 2026 - *Ateliê, Estúdio, Oficina, Laboratório.*

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: ***Camille Claudel, estúdio em Paris, em 1887.***

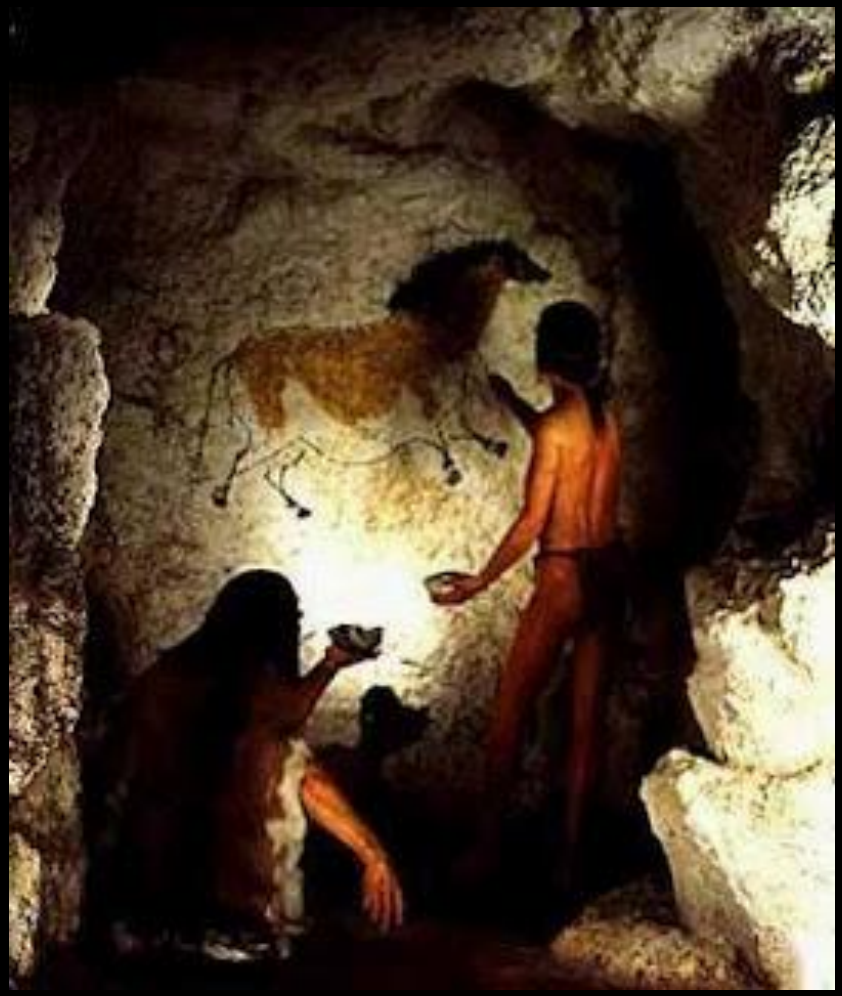
Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.
É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.
O acesso é público e gratuito.
Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.
Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

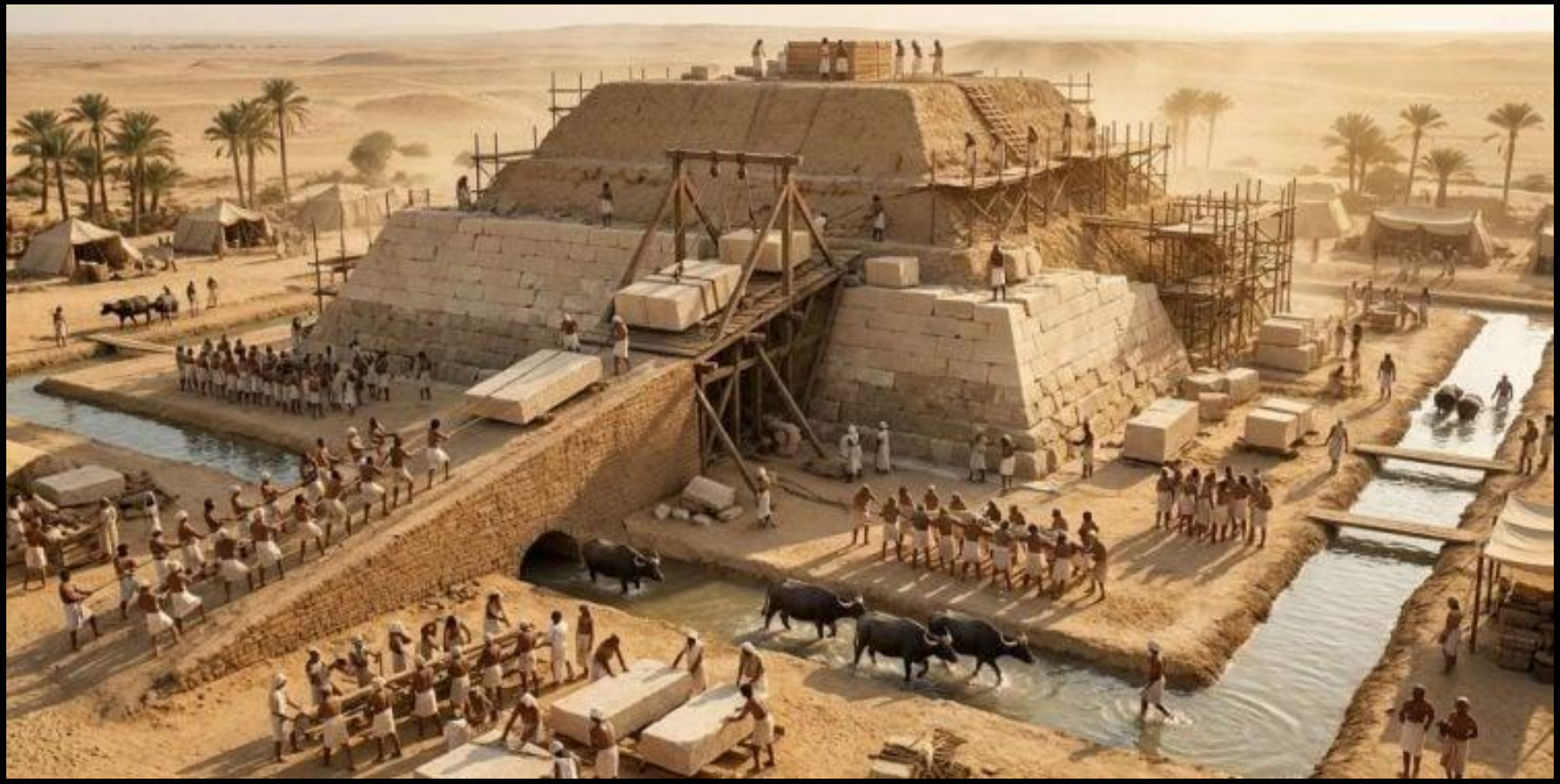
A revista ***Reflexões sobre Arte Visual*** *tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Onde se produz Arte Visual? Uma resposta direta e simples é dizer que em qualquer lugar em que alguém se disponha a realiza-la. Os primeiros seres humanos realizavam imagens na superfície de cavernas, em pedaços de ossos, madeira e em qualquer lugar, superfície ou material que suportasse intervenções sobre ele. Mesmo na antiguidade, a produção era realizada em “chão de fábrica” como dizem os industriais, ou seja, no próprio ambiente onde as obras iriam permanecer. Enfim, ao longo do tempo, a informalidade ou a designação de um lugar para produção sempre motivou artistas e estudiosos.



Acima uma simulação de pessoas realizando imagens na superfície de uma caverna. http://a-historiadaarte.blogspot.com/2010/09/pre-historia.html



Esta imagem simula hipóteses de como as grandes pirâmides podem ter sido construídas.

Um lugar especial interferiria nas caraterísticas da produção artística? Esta é outra questão que também levanta discussões. De um modo ou de outro pensar ambientes e condições para a realização de Obras de Arte sempre despertou a curiosidade e o interesse de quem produz, aprecia ou estuda Arte Visual. Na medida em que as manifestações artísticas foram se diversificando e especializando os locais para sua produção também se transformaram: de qualquer lugar, para um lugar concebido para conter instrumentos, ferramentas, equipamentos e facilitar a produção.

Assim surgem os ambientes destinados à produção artística que podem ser uma pedreira de onde se extraiam os blocos para esculturas, as fundições onde se realizavam as obras em bronze, uma pequena sala onde se concebiam projetos, um abrigo para proteger do sol, da chuva ou da neve. De modo geral estes ambientes também passaram a ser um lugar para identificar, designar e definir tanto as competências dos artistas, quanto servirem de mostruário da produção artística e lugar de negociação. Os ambientes mudaram dos mais simples para os mais complexos em função do tipo de obra que se realiza.

Em geral, os locais de trabalho para a Arte Visual tendem a ser adequados para as modalidades ou poéticas que serão desenvolvidas, assim pode-se pensar que o local para quem desenha ou pinta seja mais compacto do que para alguém que modela ou esculpe, do mesmo modo que é diferente de quem constrói ou instala. Cada área de criação implica em espaço, equipamento, mobiliário, instrumentos, ferramentas e aparelhos adequados, ou seja, depende de ambientes diferenciados. Tais ambientes podem pertencer a quem cria, alugados ou compartilhados por períodos de criação ou produção.

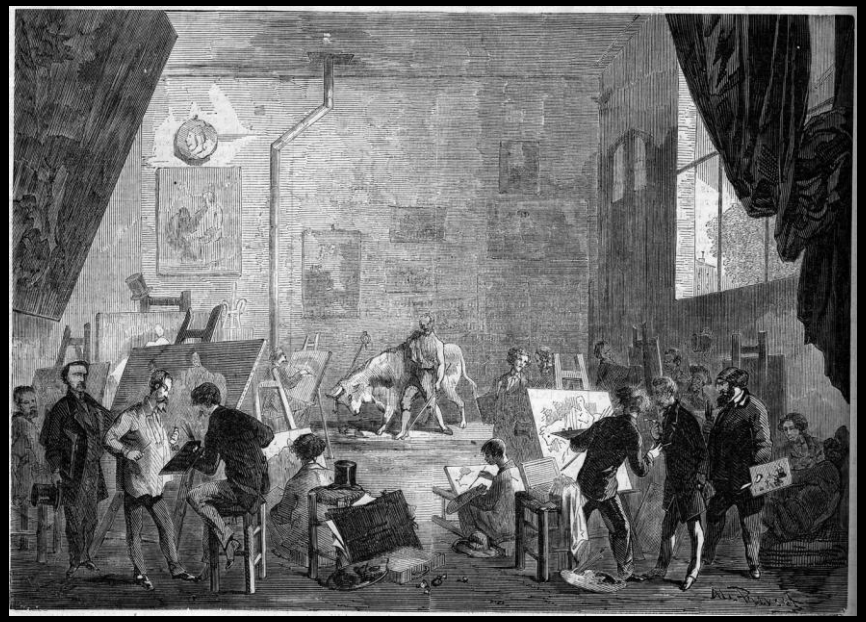
Não se pode dizer que há modelos definidos para cada modalidade ou poética de criação, mas sim que devem atender a condicionantes específicas de acordo com as necessidades de cada um ou de cada projeto criativo. Tais espaços podem ser, além do ambiente de criação, parte da identidade artística, portanto, além da importância física, é também importante para consolidar a personalidade de quem cria. Neste sentido a variedade de características que definem um ou outro local de trabalho é imensa e tentar encontrar denominadores comuns é difícil, mas vale a pena olhar para alguns deles.

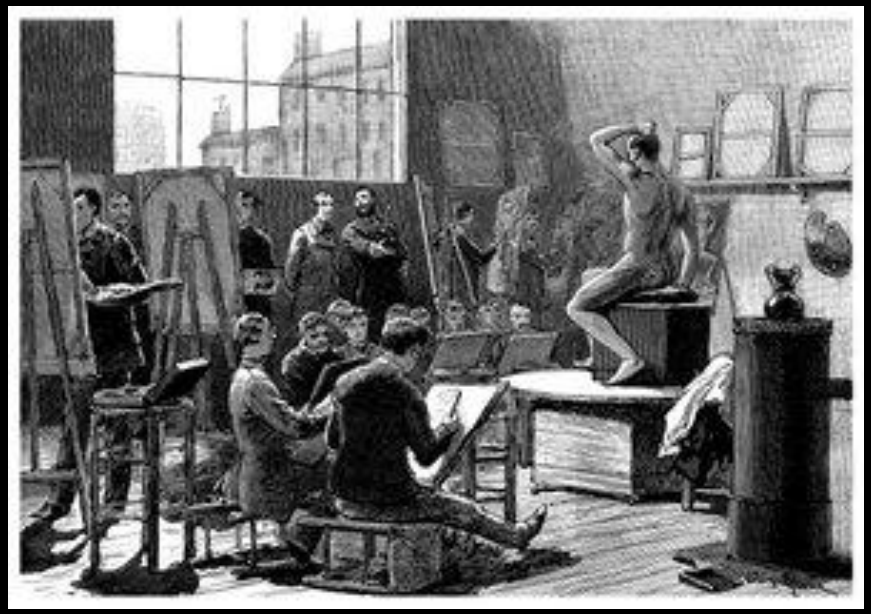
Os nomes dados aos ambientes de trabalho condensam, de certo modo, seus usos: Ateliê, Estúdio, Oficina ou Laboratório e indicam tanto sua estrutura quanto sua finalidade.

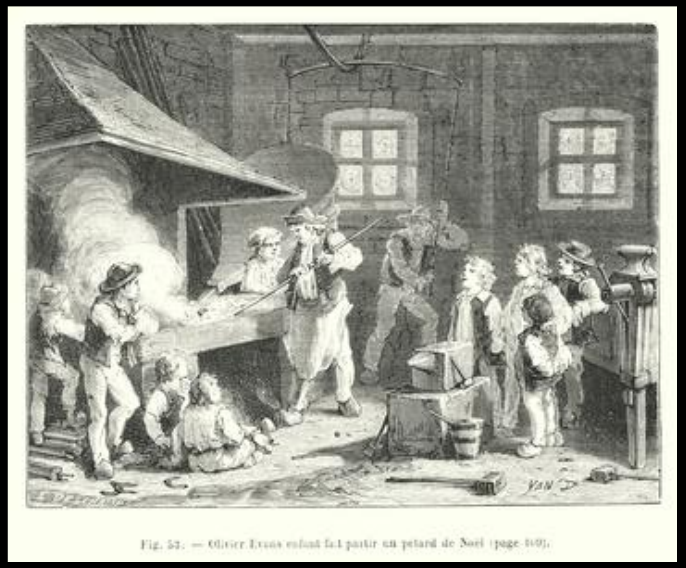
O Termo Ateliê vem do francês *Atelier,* tem o mesmo sentido de Oficina ou Estúdio, o local de trabalhos de artistas ou profissionais assemelhados. Neste sentido o Ateliê é constituído do espaço e dos equipamentos, ferramentas, instrumentos, suportes e materiais necessários a realização das atividades para as quais se destina. Isto personaliza e funcionaliza o espaço.

Estúdio, tem duas origens, uma deriva do Latim *studere* que se refere ao estudo, então seria o local de estudo. Outra deriva do Inglês *study* e se refere ao local em que se realizam atividades artísticas ou assemelhadas. Oficina do latim "*opificium*", derivada de "*opificis*", artesão, palavra formada mediante a justaposição de "*opus*“ - obra, e "*facere*“- fazer, se refere ao fazer/realizar um ofício. Laboratório, do Latim *laboratorium*, local de labor, trabalho, reforçado pelo francês *laboratoire*, lugar para realização de experimentos, experiências. Ao longo do tempo, várias imagens mostram estes espaços.

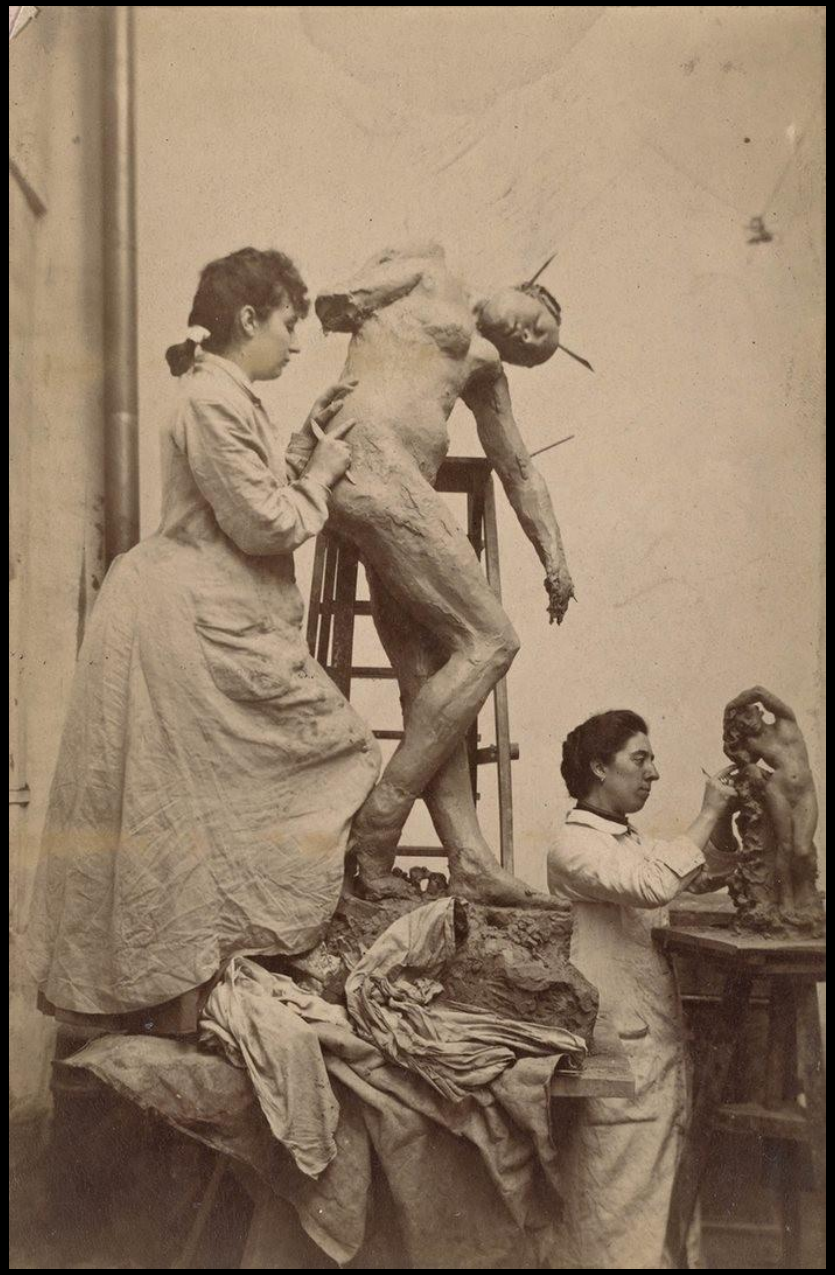
Gustave Courbet, pintura do artista em seu estúdio, 1854-55







Vistas em gravuras do ateliê do pintor Gustave Courbet, 1819-1877, que manteve na Rua Notre Dame des Champs, em Paris.



Camille Claudel e Jessie Lipscomb, estúdio em Paris, em 1887.

Claude Monet pintando Les Nymphéas, em seu estúdio em Giverny.

Tolouse-Lautrec pintando no Moulin Rouge, La Danse, em 1895.

Descanso do Modelo, pintura de José Ferraz de Almeida Júnior, de 1882, do neoclássico brasileiro.

Henri Matisse em seu ateliê, França, 1949, em foto de Robert Capa.

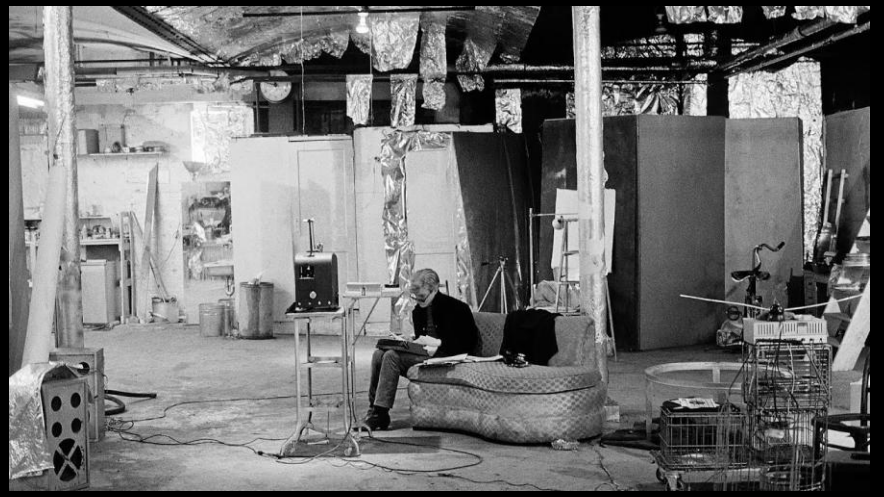
Pablo Picasso conversando com Brigitte Bardot, estúdio em Cannes,1956.

Lucian Freud, no estúdio, pintando David Hockney.

O artista chinês Yue Minjun em seus estúdio, com suas obras baseados em seus sorrisos.

Jackson Pollock em seu estúdio.

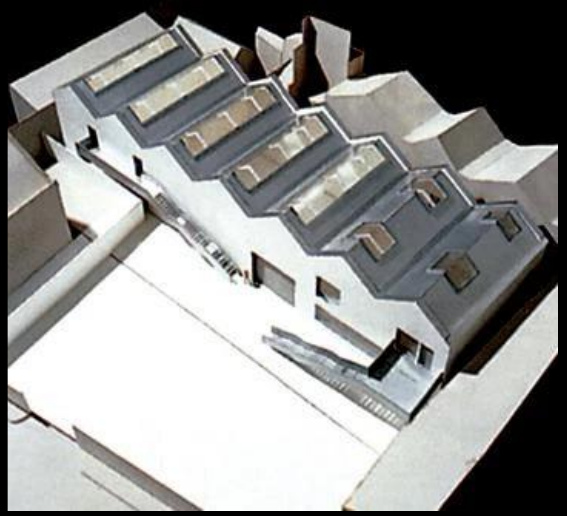
Pelo que se vê, o que importa, não é necessariamente o nome, mas a atribuição que se dá ao local de trabalho de artistas de acordo com a estrutura e finalidades para as quais se destina, é isto que os define e caracteriza. Andy Warhol, artista Pop, batizou como "*The Factory*" - A Fábrica seu espaço de trabalho em Manhattan, Nova Iorque. O ambiente teve três endereços entre 1962 e 1984. O original ficava no quinto andar na 231 East 47th Street, em Midtown Manhattan. Damien Hirst, artista contemporâneo, nomeou seu local de trabalho de "*Science*", em Stroud, Gloucestershire, na Inglaterra.



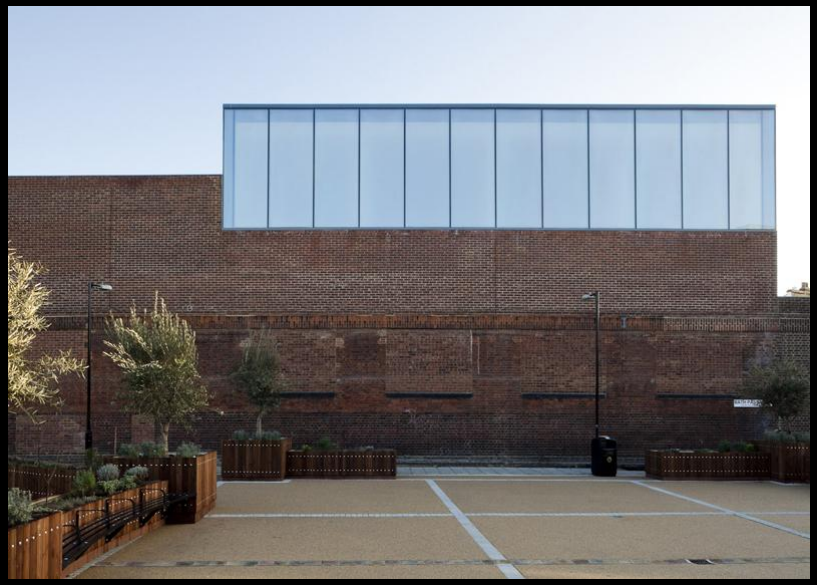
Acima The Factory de Warhol, abaixo Science de Hirst.

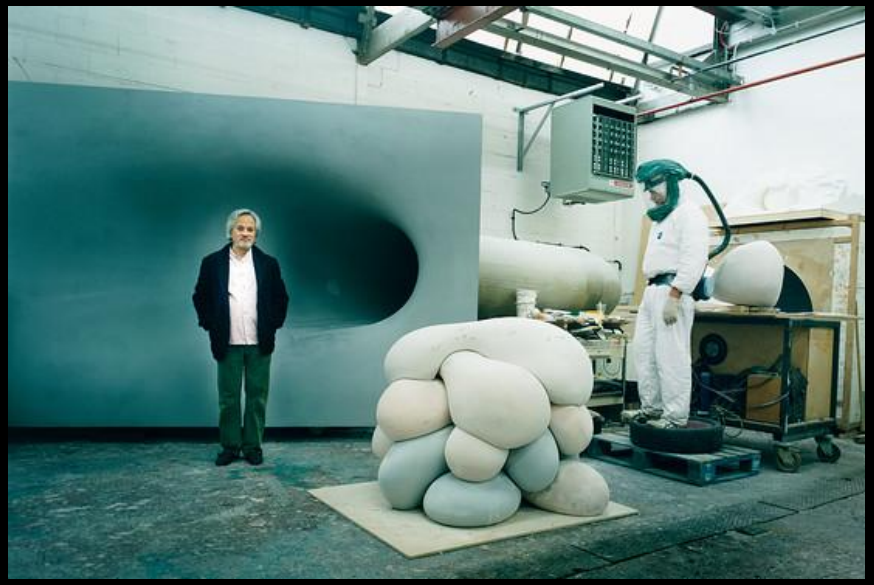
A grandiosidade que algumas obras produzidas na atualidade, por suas dimensões, requerem equipamentos e máquinas também grandiosas, em geral, oficinas de nível industrial, tais ambientes podem ser de propriedade dos artistas, alugados ou terceirizados para execução de alguns projetos. Em geral, artistas estabilizados no mercado costumam montar suas próprias oficinas para ter maior controle sobre o processo produtivo de suas obras. Neste caso criam estruturas específicas e contratam auxiliares para a produção de suas à semelhança das antigas oficinas de Arte tradicionais.

Um exemplo é Antony Gormley, artista inglês que opera em grandes dimensões.



Oficina de Antony Gormley, Londres





Estúdio de Anish Kapoor, em Londres.

Science Lab, Estúdio e Galeria de Damien Hirst, em Londres.

Estúdio de Jeff Konns em New York.

Estúdio de Ai Weiwei em Montemor o Novo em Portugal.

Wik Muniz, estúdio em N Y - EEUU

A visão lírica do artista em seu ambiente de trabalho, em geral pensado como um lugar de recolhimento e inspiração, nem sempre corresponde à realidade. Desde a antiguidade o trabalho do artista sempre foi dependente de processos que envolviam questões ligadas às habilidades manuais, psicomotoras, aos materiais, instrumentos, ferramentas, bem como às dimensões que tais obras requeriam em vários momentos da história. Mais recentemente, questões como as do mercado, tamanho e intensidade de tais produções exigiram também mudanças significativas em tais espaços.

Hoje em dia os ambientes singelos e condensados se transformam em vários outros, de acordo com o perfil poético adotado pelos artistas. Tanto pode ser um pequeno espaço contendo uma mesa, cavalete ou uma construção de dimensões grandiosas e industriais capazes de comportar fundições, serralherias entre outros maquinários, bem como serem produzidas num computador ou, pasmem, num aparelho de telefonia celular.

Enfim, graças à tecnologia o atelier se deslocou de um espaço para um objeto portátil.